

Arauto ambíguo da modernidade: transição entre a arquitetura modernista e eclética em São Paulo no caso do Edifício Santo André

Ambiguous herald of modernity: transition between modernist and eclectic architecture in São Paulo in the case of the Santo André Building

Lucas Arantes Lorga *; Lucas Martinez Knabben**

Resumo

O presente artigo pretende analisar a transformação arquitetônica de São Paulo na década de 1930, período tradicionalmente esquecido pelos pesquisadores, expressa no bairro da região central, Higienópolis. Tal território passava por uma transição entre a arquitetura eclética de palacetes ao molde europeu, principalmente francês, para a introdução da arquitetura moderna. Com tal intuito, escolheu-se como objeto o Edifício Santo André, projetado em 1935 pelo arquiteto francês Jacques Pilon, ainda pouco estudado pela historiografia da arquitetura e um dos precursores da verticalização no bairro. O grande objetivo da pesquisa foi identificar as rupturas e continuidades entre as duas tipologias arquitetônicas, apesar do discurso modernista de rompimento e inovação, que podem ser estendidas para muitos processos semelhantes de verticalização na capital paulista. Para tal, utilizou-se dos comparativos entre as plantas de palacetes tradicionais do bairro com a planta do Edifício Santo André, para demonstrar as semelhanças e diferenças identificadas na disposição dos cômodos e da segregação de espaços.

Palavras-chave: Arquitetura de São Paulo; Modernismo; Art Déco

Abstract

This article aims to analyze the architectural transformation of São Paulo in the 1930s, a period traditionally overlooked by researchers, expressed in the neighborhood of the central region, Higienópolis. This territory was undergoing a transition from eclectic architecture of mansions based on European molds, mainly French, to the introduction of a brand-new modern architecture. To this end, the Santo André Building was chosen as an object, designed in 1935 by the French architect Jacques Pilon, still little studied by the historiography of architecture and one of the precursors of verticalization in the neighborhood. The main objective of this research was to identify the ruptures and continuities between the two architectural types, despite the modernist discourse of disruption and innovation, which can be extended to many similar processes of verticalization in the capital of São Paulo. Thus, we used comparisons between the plans of traditional mansions in the neighborhood with the plans of the Santo André Building, to demonstrate the similarities and differences identified in the layout of the rooms and the segregation of spaces.

Keywords: Architecture in São Paulo; Art-Déco; Modernism

* Graduando História Bacharelado pela Universidade Federal de São Paulo. Foi estudante no Grupo de Pesquisa CNPq Poder e Política na Época Moderna (séculos XV-XVIII), com atuação no tema Inquisição Portuguesa na Índia. Atualmente é estudante do Grupo de Pesquisa CNPq Antiguidade e modernidade: História Antiga e usos do passado, atuando nos temas Nacionalismo Francês, Teoria da História e Tradução.

** Graduando História Bacharelado pela Universidade Federal de São Paulo. É estudante no Grupo de Pesquisa CNPq Cidade, Arquitetura e Patrimônio em Perspectiva Histórica (CAPPH). Presentemente é estagiário do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Introdução

Segundo a tradição cristã, Santo André, apóstolo de Cristo, nasceu por volta do século I a.C e morreu perto dos anos 60 d.C. Conhecido como *protocletos*, ou seja, o primeiro a ser chamado, Santo André foi, junto com seu irmão, Simão Pedro, um dos seguidores iniciais de Jesus, sendo encumbido de espalhar as boas novas pelo mundo. De tradições judaicas tradicionais, Santo André aceitou a ruptura parcial proposta pelo Messias. Sua trajetória tem um caráter eminentemente duplo: era judeu e, ao mesmo tempo, um dos fundadores do cristianismo.

Mesmo que o arquiteto do Edifício Santo André, Jacques Pilon, provavelmente não tenha pensado em tais fatores, pensamos que esse personagem importante da mitologia cristã e o edifício citado possuem algumas similaridades que podem facilitar o entendimento da hipótese central do presente trabalho.

Tanto o prédio quanto o apóstolo, por exemplo, foram um dos primeiros representantes da ruptura com a tradição em seu meio, sendo que o Edifício Santo André foi o segundo prédio do Bairro Higienópolis que destoava dos antigos casarões ecléticos. Além disso, o fator que mais chama atenção é a característica dúbia dos dois personagens: assim como o evangelista era judeu e cristão, estando em um período de transição entre religiões diferentes, o Edifício Santo André possui características arquitetônicas que se mostram misturadas, tanto da tradição eclética quanto da inovação modernista.

Nessa lógica, o historiador e arquiteto Fernando Atique (2004), ao estudar o edifício Esther, construído a partir de 1936, faz uma boa síntese da dialética complexa entre o antigo e o moderno. Segundo o autor, a arquitetura e a paisagem urbana, em sua própria lógica inovadora proposta por diferentes escolas tipológicas, não conseguem romper totalmente com o passado, por diversos motivos. No caso da verticalização de São Paulo, podemos encontrar tal período ambíguo de transição ao longo da década de 20 e 30.

Entretanto, por diversas divergências ideológicas de modernistas como Lúcio Costa, a historiografia por muito tempo se atentou em analisar a arquitetura paulistana a partir do binômio “moderno *versus* eclético”. Por isso, tal período de transição só começou a ser estudado recentemente, ainda possuindo diversos buracos teóricos e inconsistências factuais (FRANCO, 2009).

Não só isso, como as próprias obras de Pilon ainda carecem de uma sistematização maior e de profundos estudos. Sua arquitetura foi considerada como conciliadora, não rompendo com o passado, assim como idealizado pelos preceitos da arquitetura moderna, e, por isso, deveria ser renegada a um posto inferior em relação às outras práticas arquitetônicas. Suas

construções, nessa visão, não deveriam ser dotada de atenção pelos pesquisadores e patrimonialistas. (FRANCO, 2009)¹

Sendo assim, o presente projeto, ainda que admitindo o caráter conciliatório na obra de Pilon, tentará quebrar esse esquecimento praticado pela historiografia clássica, analisando especificamente o período de transição na década de 1930. Entendemos a conciliação de Pilon não como um demérito ligado a uma noção de evolução linear da história da arquitetura em busca do ideal moderno, mas como um período dotado de características próprias, que coexistem temporalmente com outras tipologias, negando ou assimilando seus conceitos. Utilizando como objeto principal o Edifício Santo André, projetado em 1935 por Jacques Pilon, tentaremos entender algumas características do Bairro de Higienópolis, em São Paulo, assim como os aspectos específicos da obra de Pilon e as continuidades e rupturas presente no edifício.

Mais do que isso, tentaremos entender, por meio da arquitetura, como essa disputa tipológica não foi somente estilística, mas possuía diversas influências de poderes culturais, sociais e da própria organização econômica do Bairro de Higienópolis e, no limite, até mesmo da cidade de São Paulo. Como bem sinaliza Andrés Zarankin (2001), a arquitetura é indubitavelmente ideológica, seguindo uma lógica de poder clara, seja ela econômica, social ou cultural.

O bairro de Higienópolis: modificações espaciais e arquitetônicas na virada do século

Silvio Soares de Macedo (2011) exhibe que entre os períodos de 1895 até as décadas de 1920, a arquitetura da cidade de São Paulo apresentava certa regularidade. Mesmo com a paisagem composta de chácaras que escolhiam locais altos, a cidade já mostrava feições de mudanças no seu espaço, que estava em transição do rural para o urbano propriamente dito.

Macedo ilustra tal fator com a presença do Cemitério da Consolação, em contraste com as construções de taipa que o cercava. As ruas, segundo o autor, possuíam traçados simples e eram de terra batida. Os grandes campos de matagais começavam a dar espaços para grandes loteamentos que não preservaram a paisagem, em virtude da limpeza do lote para as atividades de quem o possuía: construções de casas e vias de acessos (MACEDO, 2011).

Segundo Maria Naclério Homem (1994), os modos de morar da elite de São Paulo no final do século XIX estavam voltados para grandes chácaras, sendo possível identificar mais de 30 ao redor do centro velho da cidade. O final do século XIX também é marcado pela influência de imigrantes nas transformações da cidade dentro do espaço urbano e industrial. Como bem aponta Paula de Brito Mota (2007), indo contra a historiografia tradicional a respeito de São Paulo que trata o café como principal fenômeno do acúmulo de capital paulista, essa

¹ Mesmo os trabalhos que tratam especificamente de Jacques Pilon focam suas análises em sua produção a partir de 1940, deixando o Edifício Santo André apenas com notas de rodapés, ou com comentários rápidos e sem aprofundamento. Ver Franco (2009) e Silva (2010)

influência imigrante foi importante para a implementação de indústrias e ferrovias no território nacional.

Esses imigrantes da Europa, principalmente, encontraram terreno fértil para a expansão de seus negócios, auxiliando a chegada de novos produtos e técnicas construtivas (HOMEM, 1980). Com isso, a iniciativa privada, expressa em sua maioria nas elites, segundo Fernando Atique (2004), tecia o espaço urbano de acordo com seus interesses e costumes diários, influenciando na disposição da concentração dos seus equipamentos (MACEDO, 2011).

Em pouco tempo, os grandes proprietários começam a contratar arquitetos estrangeiros, principalmente vindos da Europa, para renovar a imagem de suas moradas. A partir de 1880, os empresários do café construíram os primeiros palacetes em São Paulo. Baseados nas *villas*, ou no modelo de *Hôtel Particulier*, a rica burguesia começou a se redefinir, com influências, principalmente, em preceitos dos pensamentos franceses da arquitetura da elite. Um dos edifícios mais conhecidos dessa época é o palacete de D. Veridiana Valéria da Silva Prado, que inaugurou a tipologia no bairro de Higienópolis (HOMEM, 1980).

Mais especificamente em Higienópolis, segundo Silvio Soares de Macedo (2011), esses grandes terrenos de chácaras passaram por um processo duplo: por um lado houve uma substituição de sua arquitetura, trocando-se o modo de morar das chácaras para o modelo de grandes casarões e palacetes; por outro, houve uma fragmentação do terreno, por conta do loteamento das terras. Segundo o autor:

O bairro de Higienópolis, conhecido como Boulevard Buchard, assim como a Avenida Paulista foi todo concebido de modo a configurar a imagem de um bairro residencial francês, cortado por ruas e calçadas largas e arborizadas. É a primeira área urbana do país totalmente ocupadas por palacetes, já que a construção de casas geminadas é tolerada apenas nas suas ruas lindeiras aos bairros de vizinhanças (MACEDO, 1999, p.3 apud BONAMETTI, 2006).

Nesse cenário, os grandes casarões seguiam a lógica topográfica, modelando-se dependendo do terreno. O autor irá nomear essa lógica no loteamento do bairro do Higienópolis, a partir do fenômeno de diferenciação de planos de lotes, de “terraços”, que variavam de loteamento para loteamento entre 2 a 3 metros, deixando a vista livre dos casarões dos lotes mais elevados para os mais baixos. A configuração de tais casarões deixou de ser grandes áreas para plantio e criação, para se tornarem núcleos unifamiliares com hierarquização entre cômodos (MACEDO, 2011).

É em 1885 que se funda, então, o empreendimento imobiliário para a grande elite, o Boulevard Burchard, como uma alternativa para os bairros de Campos Elíseos e Santa Efigênia. Com uma distância de 2,5 km do centro da cidade, também chamado de “Triângulo Histórico”, o local foi, talvez, um dos primeiros a fazer propaganda para atrair novos moradores a partir de sua beleza visual paisagística. Além disso, a questão sanitária, devido ao fato do terreno do empreendimento ser localizado num ponto mais elevado em relação ao centro da cidade, também chamou a atenção dos paulistanos (MACEDO, 2011).

Forma de morar burguesa em Higienópolis: os palacetes ecléticos da virada do século XIX para o século XX

O modo de morar burguês, traduzido pelos palacetes ecléticos, se desenvolve com mais ênfase na passagem do império para a república. São Paulo passou a se tornar um grande centro comercial e financeiro no final do século XIX, e, por consequência, era um grande atrativo para mão de obra livre e assalariada, além da imigrantes nas primeiras décadas do século XX. As classes que comandavam o jogo comercial paulistano tinham vínculos culturais e comerciais com a Europa, especialmente com Paris, que era considerada a “Metrópole do século XIX”. Tal aproximação marcou as grandes influências do estilo de vida francês na burguesia paulista (HOMEM, 1994).

A preocupação sanitária e de salubridade da cidade e do habitar, como bem apontado anteriormente, é assunto de debates no final do século XIX. É a partir disso que institui-se o Código de Posturas de 1886, que visava a regulamentação de medidas sanitizantes para as ruas e edifícios em benefício da saúde pública. Com inspirações em medidas sanitizantes ao redor do mundo, São Paulo irá se basear na abertura dos boulevards parisienses para a realização de loteamentos para as camadas mais abastadas, destacando-se os da Luz e do Higienópolis (HOMEM, 1994).

Porém, mesmo com tamanha influência francesa por parte da elite paulistana, podemos notar ainda a presença de diversas outras contribuições arquitetônicas, urbanísticas e culturais. Os primeiros compradores de lote na região do atual Higienópolis, por exemplo, foram pessoas ligadas à escola inglesa, futuramente o Instituto Presbiteriano Mackenzie, e de imigrantes anglo-saxões com casas como chácaras com jardins, pomares, hortas e lugar para criação, na Avenida Angélica, e chalés. Além disso, os primeiros registros de habitantes foram as famílias de Franz Müller e Henrique Schaumann, com suas residências no estilo neoclássico (HOMEM, 1994).

Abriendo um parênteses, vemos necessário contrapor de antemão uma conclusão muito presente acerca do ecletismo brasileiro, visto que grande parte das residências do período em Higienópolis são ecléticas. De fato, o ecletismo, enquanto uma linha tipológica historicista, oferece um problema considerável para seus empregadores brasileiros: via de regra, a história retomada pelos estilos do ecletismo não é a história do Brasil, mas, sim, da Europa.

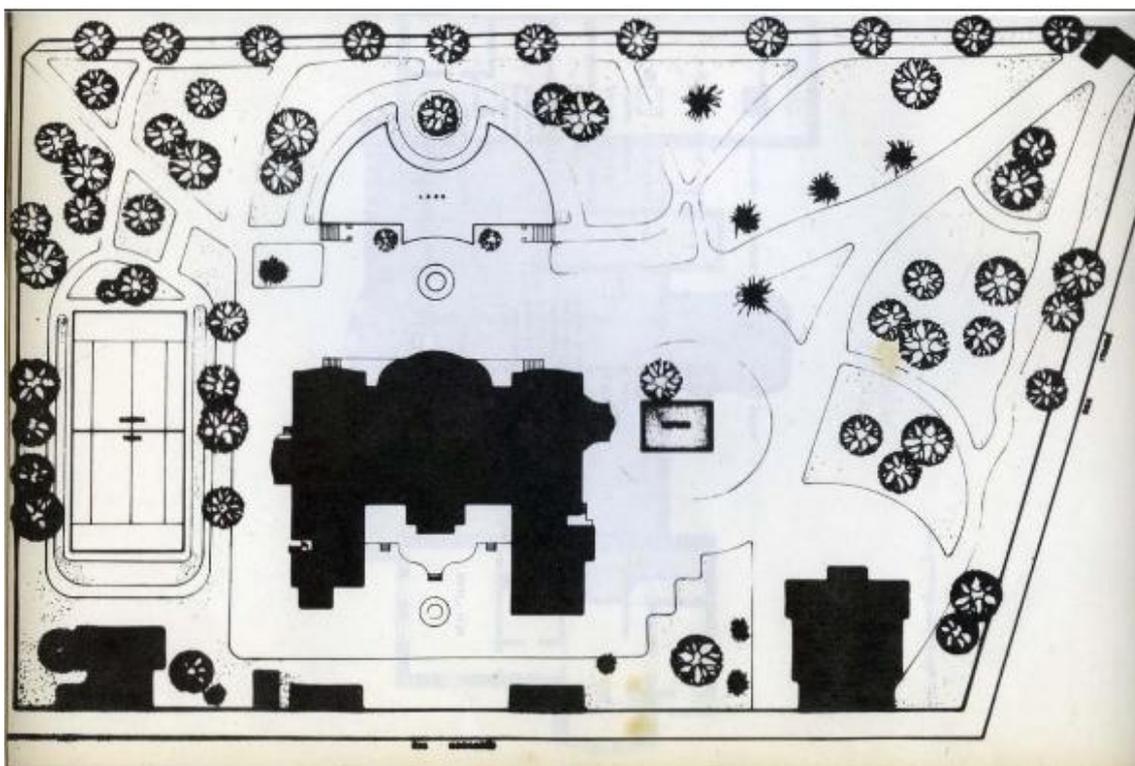
Porém, como mostrado por Annateresa Fabris (1993), essa afirmação, mesmo que correta, levou muitos ao engano de pensar a arquitetura eclética brasileira somente como uma mímica da européia, gerada pelo famigerado “complexo de vira-lata”. Fabris postula que, mais interessante do que o fenômeno puro de importação estética como uma mímesis do avanço civilizatório europeu, devemos notar como a resposta europeia aos anseios da época por meio da arquitetura se encaixou perfeitamente com demandas pré-existentes da elite brasileira. O “papel cosmético” (FABRIS, p.136, 1993) da arquitetura sanitária, por exemplo, não era somente o efeito colateral de importações arquitetônicas, mas uma resposta aos anseios prévios de uma São Paulo higienista, que cada vez mais tentava se afastar da época colonial.

Sendo assim, a partir das inspirações da experiência urbanística europeia que mudaram o modo burguês de morar em São Paulo, a casa passou a representar o êxito econômico e profissional de seu proprietário. Maria Cecília Homem irá apontar que a casa:

tornou-se o refúgio das lutas pela vida e local de privacidade, ao mesmo tempo que devia proporcionar afastamento físico daquelas áreas e certa alienação quanto às tensões e aos conflitos sociais. As camadas mais ricas procuraram viver isoladamente (HOMEM, 1994, pág. 34).

Tais residências possuíam centralidade da localização dentro do grande lote, a fim de promover a circulação de ar e uma abertura para a propagação da luz e do sol. Esse fator fez com que se valorizassem os jardins da casa e a colocava aquém dos odores e ruídos da circulação dos logradouros, o que atendia muito bem a satisfação e o desejo de privacidade e de segregação social da burguesia paulista. Pode-se dizer, então, que o morar burguês, a partir dos palacetes, foi o grande precursor do sanitarismo em São Paulo e do ecletismo arquitetônico (HOMEM, 1993). Já nesse período é possível notar um discurso hostil à coletividade e defensor da privacidade domiciliar, que confluiu, mais tarde, com as críticas realizadas aos modos de morar verticais.

Planta 1 - Implementação da Vila Penteado no lote



Fonte: HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis: grandeza e decadência de um Bairro Paulistano*. São Paulo: Pmsp, 1980.

Os palacetes introduziram na paisagem a ideia de casa afastada do lote em um momento em que as residências seguiam o traçado da rua, obedecendo o Código de Posturas de 1886.

Eles também tinham a configuração espacial de serem estreitos e alongados, característica das casas geminadas do tempo da colônia (HOMEM, 1994).

O palacete seguia três zonas distintas, segundo Homem (1994): a área de estar, a área de repouso e a área de serviços. Os casarões, até 1950, possuíam sala de visitas, uma cozinha e dependência de empregada(s), um quarto para cada membro da família, e muitas vezes alguns aposentos a mais (PROST, 2015). O vestíbulo e os corredores garantiam a independência desses espaços. Tais lugares, segundo Maria Cecília Naclério Homem, recebiam subdivisões e especificações:

(...) a sala de jantar desmembrou-se em sala de almoço, em sala de comer das crianças, em sala de estudos, em sala da senhora, em sala de estar e em sala de costuras. O estar formal subdividiu-se em sala de visitas, em sala de música com o piano, em sala de bilhar e em "fumoir". Surgiram também o jardim de inverno, a biblioteca e a sala d'armas. " (HOMEM, 1993, pág. 9)

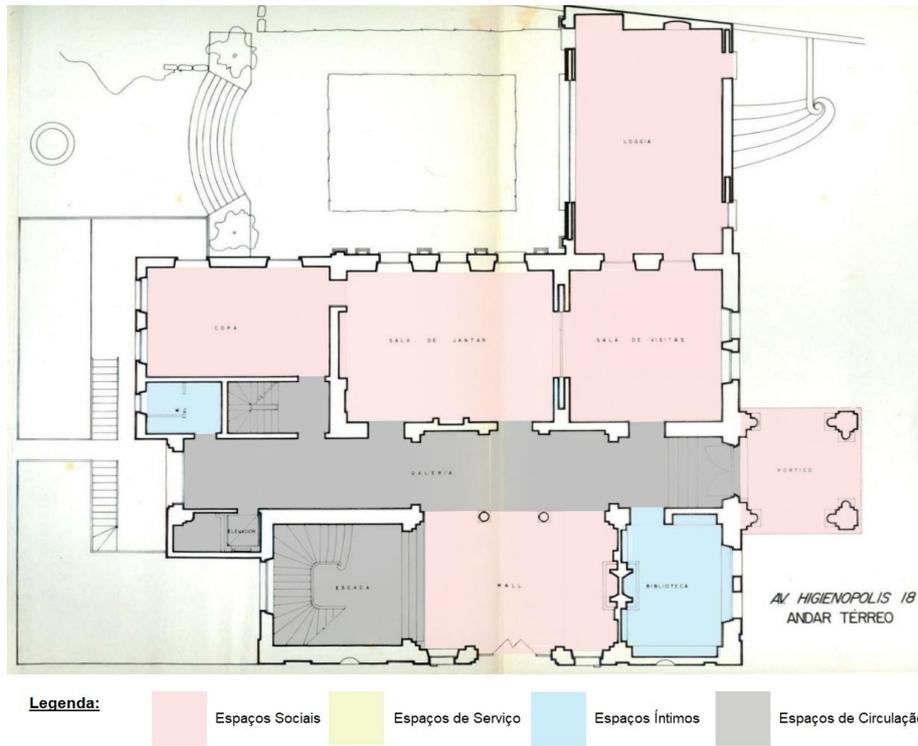
Segundo a autora, dentro da lógica do sobrado, no qual a família residia no segundo andar, podemos identificar a superposição em relação ao andar de baixo na hierarquia da casa. O andar superior era destinado ao íntimo da família e o andar inferior aos serviços, circulação de funcionários, tarefas familiares como estudo e costura, e a recepção de visitantes. É lá que se encontram a cozinha, salas de jantar e salas de estar (HOMEM, 1994). Podemos notar claramente tais detalhes ao analisarmos a Vila Maria, antigo palacete da Avenida Higienópolis:

Planta 2 - Planta do subsolo do palacete na Vila Maria



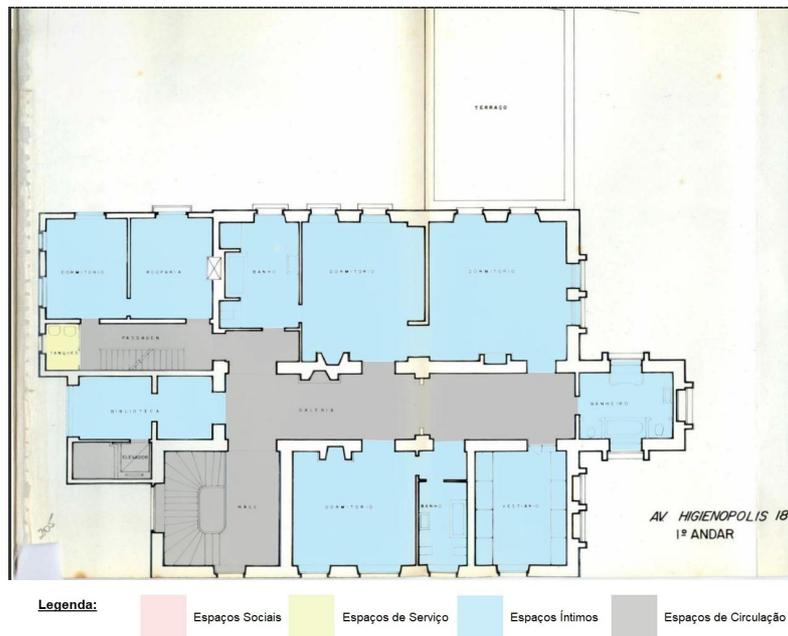
Fonte: Imagem feita pelos autores a partir da planta contida no livro “Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano” de Maria Cecília Naclério Homem.

Planta 3 - Planta do andar térreo do palacete Vila Maria



Fonte: Imagem feita pelos autores a partir da planta contida no livro “Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano” de Maria Cecília Naclério Homem.

Planta 4 - Planta do primeiro andar do palacete Vila Maria



Fonte: Imagem feita pelos autores a partir da planta contida no livro “Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano” de Maria Cecília Naclério Homem.

Planta 5 - Planta do segundo andar do palacete Vila Maria



Fonte: Imagem feito pelos autores a partir da planta contida no livro “Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano” de Maria Cecília Naclério Homem.

É possível perceber que há, de fato, uma privatização exponencial espacial conforme os andares do solo se distanciam dos andares superiores, o que marca a distinção visível entre o espaço de convivência, o espaço daqueles que trabalham na casa e dos espaços íntimos e de repouso. Essa distinção se acentua mais ainda a partir da segregação dos cômodos por meio da divisão do espaço individual, o que faz com que cada membro que reside na casa receba um espaço particular independente dos demais. Isso se aplica também na divisão espacial da residência a partir da especificação de cada cômodo, como bem apontou Homem (1993).

No último andar, local dedicado quase que exclusivamente para o íntimo da família, a privatização se faz presente até no corredor de acesso aos cômodos, uma vez que se nota uma abertura para circulação entre os apartamentos com a exceção de dois. Podemos supor que sejam quartos de hóspedes, pois não seguem a lógica de acesso, e os demais podem ser da família por sua ligação interna independente do corredor.

A inspiração burguesa europeia, portanto, não era somente no estilo arquitetônico, mas também na disposição dos cômodos. Segundo Homem (1993), tais palacetes seguiam uma disciplina de circulação a partir do vestíbulo ou do hall de entrada, se colocando independentes dos apartamentos, o que se pode notar também dentro da disposição da circulação do palacete Vila Maria.

Os palacetes irão transformar o porão, por exemplo, implementado como elemento sanitizante no Código de Posturas de 1886, em um porão habitável, uma vez que, com o avanço tecnológico construtivo proporcionado pelo ofício do palacete, não era mais necessário

como alternativa higienizante. A partir disso, a residência ganha mais um espaço de circulação, que fez com que a cozinha ficasse no subsolo da casa, ou num espaço adjacente à casa, como bem sinalizado nas plantas do palacete Vila Maria (HOMEM, 1993).

O morar moderno em São Paulo, propostas e contradições

Com o passar do tempo, a presença dos grandes palacetes se viu ameaçada a partir da década de 20. Sua existência se tornou um gasto muito oneroso, assim como diversas disputas legais por parte dos herdeiros complicou os poucos que ainda tinham vontade de manter seus casarões (PALA, 2014).

Não só isso, como um novo agente entrava em cena no jogo comercial de São Paulo. Após a Quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, o capital nacional decorrente da agricultura e da indústria, temendo a volatilidade extrema da economia internacional, encontrou uma solução segura e lucrativa para realizar investimentos. Aproveitando a crescente urbanização e o crescimento populacional de São Paulo², aliado à pouca efetividade do poder público contra o setor privado, a especulação imobiliária se torna sucessivamente outro braço forte para o sucesso econômico em São Paulo na década de 30 e 40 (SILVA, 2010).

Somado a esses fatores, os EUA, principalmente após a vitória na Primeira Guerra, começavam a ditar as ordens econômicas internacionais. Sendo o representante maior do progresso mercantil capitalista, os EUA, representados pelos arquitetos da Escola de Chicago - em conjunto com arquitetos da Europa, como Le Corbusier e Walter Gropius representados pela Bauhaus - desenvolvem, a partir de materiais já utilizados no século XIX, como o concreto armado e o aço estrutural, os preceitos e métodos da Arquitetura Moderna (FOLZ, 2009).

Tal linha arquitetônica tendia a acompanhar os esforços do progresso econômico e industrial (ZUFFO, 2009). Os norte americanos usavam seus prédios como um símbolo máximo de seu sucesso econômico, uma vez que, com a utilização desses métodos construtivos e estruturais, foi-se possível conquistar grandes alturas (GAGLIOTTI, 2013).

Essa postura, no Brasil, começou a ser copiada a partir da década de 30, com os primeiros arranha-céus, como o Edifício Martinelli, utilizando os mesmos preceitos construtivos. Novamente, a cidade de São Paulo foi pioneira na adoção do estilo mais atual de arquitetura da época no Brasil, com a intenção, sempre, de se distanciar da antiga memória da ultrapassada e desconhecida Vila de Piratininga (VILLA, 2010).

É a partir da Arquitetura Moderna que se passa a seguir os métodos industriais europeus e norte americanos voltados para a construção, a fim de tornar mais rápida, simples, racional e menos onerosa a construção de um imóvel. Aliado com o crescimento da indústria imobiliária,

² Para se ter noção, o último censo realizado no século XIX mostrava em média 240.000 pessoas morando na cidade de São Paulo, segundo dados da prefeitura. Já em 1930, o número cresce para 1 milhão de moradores, mostrando o vertiginoso crescimento urbano. Ver Rolnik (2001 apud FRANCO, 2009).

que na década de 30 já rivalizava com outros importantes setores da economia paulista, a construção de Edifícios deveria se tornar cada vez mais rentável e barata e, por isso, os prédios modernos deveriam ser priorizados (SILVA, 2010).

É interessante notar que já dentro do morar burguês da virada do século XIX para o XX, é possível identificar uma ordenação e funcionalidade para cada espaço e cômodo nos espaços. Isso nos mostra que a ideia de racionalização dos espaços da máquina de morar, como disse Le Corbusier (CORBUSIER, 2014), bebia muito das casas burguesas e se mostrava como uma continuidade dessa divisão espacial de função (PROST, 2012). O grande diferencial do morar moderno para o morar burguês se encontra, portanto, na fabricação dos espaços racionais de moradia para homens normais e comuns (CORBUSIER, 2014), não para uma camada restrita da população, como era o caso da burguesia.

Porém, mesmo após a década de 20, a modernização da arquitetura ainda não tinha se efetuado completamente em São Paulo. Para além dessa análise puramente econômica, que mostrava a enorme vantagem comercial de residências verticais, existia, ainda, uma disputa cultural acerca dos valores morais e estéticos advindos dessa inovação imobiliária (ATIQUE, 2005).

Isso se deu, principalmente, pelo fato de que o discurso social modernista não agradava totalmente as antigas elites e a nova classe média emergente. O medo de locais compartilhados e de socialização dos serviços contribuiu para uma demora na instauração moderna nos prédios. O temor por qualquer fator que lembrasse o encortijamento aterrorizava a mente da burguesia, que ansiava pelo espaço estritamente privado de suas antigas casas (VILLA, 2010). Não só isso, como o medo por tragédias, devido a altura dos prédios, também foi um fator importante para o estranhamento inicial (PALA, 2014).

Uma das soluções encontradas pelos arquitetos e engenheiros da época, para tentar driblar essa má visão acerca da segurança, estética e até mesmo dos valores morais que a verticalização impunha, foi a adoção de estilos “classicizantes esticados” (ATIQUE, p. 43, 2005). Sendo assim, para imitar as respeitadas casas tradicionais dos bairros de elite, arquitetos como Pilon deturparam a composição original do ecletismo e do neoclassicismo para tentar reproduzir em formato de prédios tais tipologias (ATIQUE, 2005).

Baseados principalmente no ecletismo parisiense e de Viena *fin-de-siècle*, os arquitetos pretendiam resgatar elementos do universo comum da elite paulistana para amenizar o escândalo dos grandes prédios (ATIQUE, 2005).

É possível observar na organização dos novos apartamentos não só uma inspiração na antiga lógica estética do *Hôtel Particulier*, como uma redução e replicação dos aspectos principais da tipologia oitocentista. Por exemplo, a lógica tripartite de espaço social, de serviço e privado manteve-se em grande parte dos projetos (VILLA, 2010). Na realidade, somente é possível considerar uma predominância da modernização nas edificações de São Paulo após a década de 40 (ATIQUE, 2004).

Mais precisamente, a década de 30 contou com diversos apartamentos que replicaram essa lógica oitocentista. Grande parte deles utilizou-se da tipologia da Art Déco, ao ponto de que alguns denominaram essa linha arquitetônica como “protomodernista” (CORREIA, 2008). Nesse período é possível categorizar a arquitetura como um processo de transição entre o antigo e o moderno, levando diversos aspectos das duas tipologias. Podemos citar, por exemplo, o Edifício Augusto Barreto, o Edifício Alagoas e o Edifício Santo André (FRANCO, 2009) sendo o último o principal objeto do presente projeto .

Mais uma vez é possível perceber que não há uma mudança linear na arquitetura de São Paulo. O período estudado possui extrema complexidade, com diversas tipologias coexistindo e influenciando umas às outras no meio de uma disputa ligada com as mudanças na sociedade paulistana. O antigo e o novo não podem ser vistos apenas como pólos opostos que se seguem naturalmente, mas a partir de uma dialética de coexistência e influências em sua formação. Mesmo a passagem de uma arquitetura eclética para uma mais moderna não pode ser entendida somente como uma transferência da influência europeia para a norte-americana. Como vimos anteriormente, as inovações dos EUA ainda possuíam diversos diálogos de troca mútua com o mundo europeu, por exemplo.

Jacques Pilon: a trajetória de um modernista com tendências ecléticas.

Partindo mais especificamente para o objeto de pesquisa, levantaremos, agora, algumas questões centrais acerca de Jacques Pilon, arquiteto do Edifício Santo André. Mais do que uma biografia simples do indivíduo, tentaremos mostrar alguns fatores em sua trajetória que influenciaram no estilo adotado por Pilon.

Jacques Emile Paul Pilon nasceu em 1905 na França, tendo passado parte da sua infância no Brasil e, após voltar para Paris e se formar em arquitetura na *École de Beaux-Arts*, retornou para viver em São Paulo. O período vivido por Pilon na *École de Beaux-Arts* foi significativo para a definição de sua vida na arquitetura.

O tempo que passou na faculdade, de 1929 até 1932, foi uma época de grande convulsão no meio arquitetônico, com uma disputa pela hegemonia estilística. De um lado, os acadêmicos tradicionais ensinavam as correntes ecléticas, inspiradas principalmente pelas construções de Charles Percier (1764 – 1838). Do outro, um grupo, que se reuniu em volta de Le Corbusier (1887-1965) e seguiu os passos de Henri Labrouste (1801 — 1875), pretendia romper com as tradições historicistas e valorizar uma arquitetura inovadora e não focada no passado (SILVA, 2010).

Essa divisão entre acadêmicos clássicos e modernistas teve grande impacto nas obras de Pilon. Mesmo com sua formação formal em obras ecléticas, o arquiteto adquiriu grande sensibilidade para as questões postas pelos modernistas. Como veremos, Pilon ora utilizou de seus conhecimentos da arquitetura tradicional, ora ousou ser uns dos pioneiros do modernismo

em São Paulo. Não só isso, como muitas vezes teve que misturar os dois estilos, por motivos econômicos, sociais e culturais (SILVA, 2010).

Os arquitetos estrangeiros que vieram para o Brasil durante a década de 30 não foram chamados para trabalhar aqui, ou tratados como grandes especialistas de suas áreas. Pilon não foi exceção à regra, porém teve algumas vantagens em relação a seus colegas de ofício. Por ter passado parte de sua infância no Brasil, Pilon tinha obtido uma familiaridade com a língua e já possuía contatos, sendo que em meses após sua chegada ele foi contratado por um escritório (SILVA, 2010).

Além disso, ao contrário de arquitetos como Franz Heep, Lucian Korngold e Giancarlo Palanti, Jacques Pilon se transferiu para o Brasil antes do decreto federal nº 23.569 de dezembro de 1933 ser promulgado, que limitavam os direitos de estrangeiros no país. Pilon teve a oportunidade, que seus colegas não tiveram, de revalidar seu diploma e desde cedo começou a trabalhar. Heep, para comparativos, só pode revalidar seu diploma onze anos depois de sua instalação em São Paulo (SILVA, 2010).

Após chegar em São Paulo, para supervisionar a construção do Sulacap, Pilon conhece o engenheiro Francisco Matarazzo Neto. Sua boa relação com Matarazzo garantiu para Pilon duas grandes vantagens: primeiro, pois ajudou o arquiteto a penetrar nos meios de circulação da alta sociedade industrial, visto que Francisco Matarazzo fazia parte de uma das famílias industriais tradicionais de São Paulo (FRANCO, 2009); segundo, porque de acordo as legislações da época, era necessário uma irmandade entre engenheiros e arquitetos para construir obras, visto que a separação total e reconhecimento dos aspectos específicos de cada ofício só seria reconhecido após da década de 40 (SILVA, 2010). Sendo assim, em 1934, Pilon e Matarazzo fundaram o escritório Pilon & Matarazzo Ltda, também conhecido como Pilmat.

As construções da Pilmat, ao longo da década de 30 e começo da década de 40, não seguiram uma linha rígida de estilos arquitetônicos, variando para estilos neoclássicos, passando pela art déco e até algumas construção de tipologia indefinida (SILVA, 2010). Porém, é possível identificar uma preferência pela art déco em sua trajetória, associado ao momento vivido pelas inovações tecnológicas, como o domínio do concreto armado, e as mudanças culturais já exploradas no capítulo anterior (FRANCO, 2009).

Edifício Santo André: rupturas e permanências com os modos de morar da virada do século

Como dito anteriormente, o Edifício Santo André foi construído em 1935, sendo o segundo prédio de apartamentos de Higienópolis. Projetado por Jacques Pilon, enquanto estava ainda em seu escritório Pilmat., ele foi encomendado pelo pai de Francisco Matarazzo Neto, o que mostrava sua importância para a imagem de progresso que a elite industrial pretendia passar (FRANCO, 2009).

Sua estrutura foi dividida em 7 andares e uma loja no térreo, que foi, por um bom tempo, uma barbearia. Os apartamentos foram considerados como extremamente luxuosos e, em pouco tempo após o anúncio, todos foram alugados. É interessante notar, também, que em sua entrada podemos ver que, mesmo continuando algumas tradições, Jacques Pilon fez questão de colocar um painel em alto relevo de Antônio Gomide, um dos praticantes do movimento modernista no Brasil (ZUFFO, 2009).

Imagem 1 - Anúncio imobiliário no jornal.

FOLHA DA MANHÃ, 3-11-46 — 3.º cad. — Pág. 7



EDIFÍCIO "SANTO ANDRÉ"

RUA PIAUÍ, N.º 752 — PRAÇA BUENOS AIRES
Esquina da AV. ANGÉLICA
PROPRIEDADE E INCORPORAÇÃO DO SR. CONDE ANDRÉ MATARAZZO

PRÉDIO JÁ CONSTRUÍDO

Em prédio de linhas arquitetônicas ultra-modernas, erigido num dos mais acessíveis pontos da capital bandeirante, colocamos ao dispor dos senhores interessados magníficos apartamentos que serão vendidos em condomínio. Preços módicos, todos os variados meios de condução à porta, rua arborizada, etc. Máximo conforto imaginável para satisfação integral de sua comodidade e bem estar. Não perca pois esta incomparável oportunidade.

★

**2 APARTAMENTOS POR ANDAR,
TODOS COM FRENTE PARA A
PRAÇA BUENOS AIRES**

★

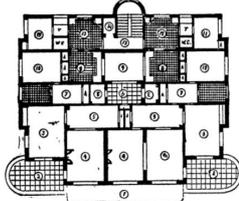
VENDEDORES:

HUGO NANNI
Rua Bráulio Gomes, 25, conjunto 1.107
TELEFONE 4-7363

J. R. SOARES
Rua Barão de Itapetininga, 93, 3.º andar
Telefone 4-4203
Da Câmara de Valores Imobiliários e Sindicato dos Corretores de Imóveis

- 10 % SINAL
- 20 % NA ESCRITURA
- 70 % DE FINANCIAMENTO "TABELA PRICE" 10 ANOS DE PRAZO.

★



ANDAR TIPO

Fonte: Folha da Manhã, 3/11/1946 – 3º caderno – Pág.7

Podemos notar que dentro do anúncio de venda de unidades do Edifício, há a exaltação das linhas "arquitetônicas ultra-modernas", o que mostra a preocupação de se vender a ideia do morar moderno para quem o adquirisse, com todas as comodidades à porta. A ótima localização, na frente do Parque Buenos Aires, na esquina da Avenida Angélica com a Rua Piauí, garantia uma posição privilegiada para o edifício.

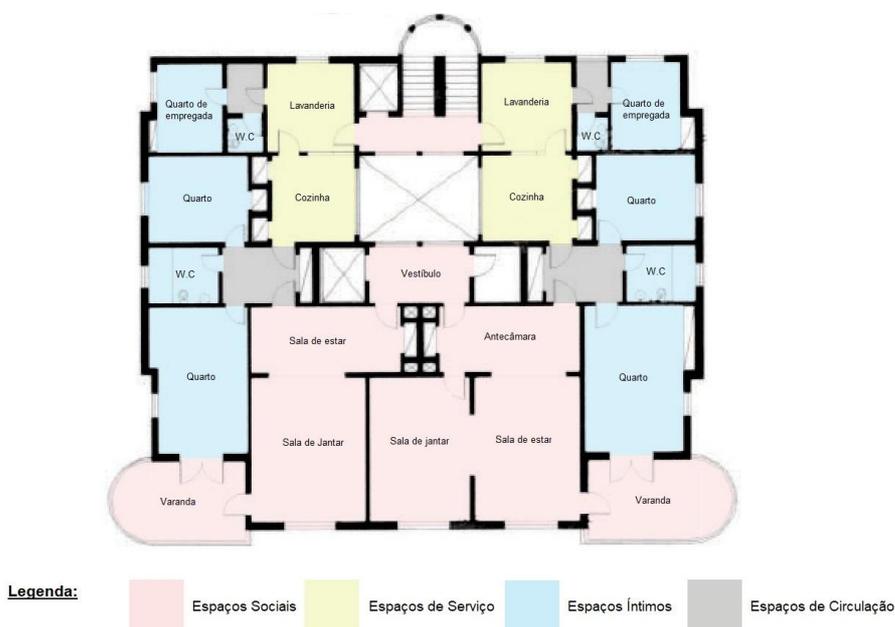
Imagem 2 - O Edifício Santo André nos tempos atuais.



Fonte: FRANCO, Tiago Seneme. *A trajetória de Jacques Pilon no centro de São Paulo: análise das obras de 1940 a 1947*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

Além disso, é possível perceber claramente que sua arquitetura está associada à *Art Déco*, típica da transição entre o eclético e o moderno. Sem uma ornamentação superficial, o que é uma característica tipicamente moderna, sua volumetria é criada pelas curvas nas laterais e amplos terraços (ZUFFO, 2009). Podemos notar, de acordo com o *Guia da Arquitetura art déco do Rio de Janeiro* (CZAJKOWSKI, *apud*. Franco, 2009), pelo menos quatro dos seis aspectos principais dessa tipologia: composição de matriz clássica, tratamento volumétrico das partes à maneira moderna, estruturas de concreto armado e acesso por hall.

Planta 6- Divisões de funções nos cômodos no Edifício Santo André³



Fonte: Imagem feita pelos autores a partir da planta contida na tese “O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)” de Joana Mello de Carvalho Silva.

Porém, ao analisarmos sua proposta dispositiva, percebemos que a racionalização dos espaços e dos acessos ainda continua, mesmo em uma construção que pretendia ser moderna. Na planta faz-se notar a segregação do acesso social e do acesso de serviço. Os espaços íntimos se encontram majoritariamente nas extremidades laterais da residência, enquanto os espaços sociais se encontram no ambiente à face do Edifício que desdobra na rua. Já os espaços de serviço se encontram aos fundos, com um quarto íntimo dedicado a quem trabalhasse na habitação. Isso, até certo ponto, contradiz um dos preceitos básicos da tipologia modernista, que é a igualdade e a justiça social aplicada à arquitetura (COSTA, 2017;2018).

Podemos notar semelhanças entre o morar proposto pelos antigos palacetes ecléticos do bairro e do proposto pelo “ultra-moderno” Edifício Santo André. Os palacetes ecléticos possibilitaram uma racionalização dos espaços tanto no interior quanto no exterior da residência. Esse entendimento racional do ambiente foi apresentado como inovador e de vanguarda dentro do morar moderno, embora o Santo André tenha como proposta o morar vertical, ao contrário dos palacetes.

³ Como não encontramos uma planta que mostrasse o que cada cômodo era, nem tivemos acesso ao interior do prédio, especulamos sobre isso baseado nas áreas rasuradas na imagem 1, que entendemos ser áreas molhadas. Com isso, foi possível nomear todos os cômodos com certo nível de verossimilhança.

A segregação dos espaços de serviço perante a disposição dos cômodos; a reserva do espaço íntimo, no caso dos palacetes numa reserva marcada pela separação feita pelos andares, e no Santo André pela sua disposição nas laterais; e as propostas dos espaços sociais próximos tanto das áreas de circulação quanto das áreas de chegada e saída da residência marcam pontos de maior confluência do que rupturas entre as propostas de morar. Mesmo assim, a adoção de técnicas construtivas de concreto armado, a decupagem ornamental e o discurso ligado às vanguardas modernistas mostram uma relevante quebra com o tradicionalismo eclético.

Conclusão

É possível concluir que a lógica da historiografia clássica, que já foi contestada por obras como a de Fernando Atique, não se sustenta. É possível identificar uma maior nuance na tipologia paulistana do que simplesmente a transição entre o eclético para moderno. Pensamos, também, que o Edifício Santo André é uma boa representação dessa nova perspectiva proposta no presente trabalho.

Nesse sentido, a década de 30, como visto ao longo do trabalho, foi o período máximo dessa transição. Utilizando-se da *Art Déco* e de estilos “classicizantes esticados”, grande parte dos empreendimentos abraçavam a modernização em partes, mas continuavam com a lógica organizacional e até alguns aspectos estilísticos da casa padrão eclética.

Não apenas se limitando à uma disputa arquitetônica que remonta desde o começo da década de 20, o Edifício Santo André também ajuda-nos a entender alguns fatos sociais, culturais e econômicos de Higienópolis e da própria cidade de São Paulo. Sua construção se dá em uma época de transição entre um modelo econômico voltado para a agricultura, para uma lógica industrial, aliada com o mercado imobiliário nascente.

Mesmo assim, o fato das elites mudarem paulatinamente suas fontes de renda não fez com que o topos arquitetônico fosse quebrado facilmente. Ainda era necessário uma acomodação com o antigo, ainda mais em um bairro símbolo dos grandes casarões ecléticos como Higienópolis.

Sendo assim, podemos concluir que a dialética entre o antigo e o moderno é extremamente complexa, necessitando de uma reunião de diversos fatores para sua compreensão. O Edifício Santo André, nessa lógica, pode representar genericamente um conflito entre estilos arquitetônicos diferentes, mas, se analisarmos com cuidado, podemos também perceber nesse prédio uma mudança do próprio meio como a sociedade paulistana se organizou e pretendeu se representar.

Referências

- ATIQUÊ, Fernando. Ensinando a Morar: o Edifício Esther e os embates pela habitação vertical em São Paulo. Risco (São Carlos) , São Carlos, v. 1, p. 1-20, 2005.
- ATIQUÊ, Fernando. *Memória moderna: a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos: FAPESP, 2004.
- BONAMETTI, J. H. . A Arquitetura Eclética e a modernização da paisagem urbana brasileira. Revista Científica/FAP (Curitiba. Online) , v. 01, p. 20-31, 2006.
- CORBUSIER, Le. Por uma arquitetura. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CORREIA, Telma de Barros. *Art déco e indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940*. Anais do Museu Paulista (Impresso) , v. 16 N 2, p. 47-104, 2008.
- COSTA, S. *Apartamentos duplex: uma ideia moderna sobre o morar e a proposta de uma tipologia habitacional*. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 26, p. e25, 29 nov. 2018.
- COSTA, Sabrina Studart Fontenele. *Modos de morar na metrópole: a representação das mulheres e da domesticidade nos apartamentos duplex modernos*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017, Florianópolis. Anais Eletrônicos.
- FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. **An. mus. paul.**, São Paulo , v. 1, n. 1, p. 131-143, 1993 .
- FRANCO, Tiago Seneme. *A trajetória de Jacques Pilon no centro de São Paulo: análise das obras de 1940 a 1947*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.
- FOLZ, Rosana Rita. Industrialização da habitação mínima: discussão das primeiras experiências de arquitetos modernos : 1920-1930. : Discussão das primeiras experiências de arquitetos modernos – 1920-1930. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 95-112, out. 2009. Semestral.
- GAGLIOTTI, Guilherme. **A verticalização em São Paulo, de 1980 a 2011: concentração e dispersão**. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2011.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis: grandeza e decadência de um Bairro Paulistano*. São Paulo: Pmsp, 1980.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Mudanças Espaciais na Casa Republicana: a Higiene Pública e Outras Novidades*. Revista Pós-fauusp, São Paulo, v. 1, n. 3, p.5-18, jun. 1993.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete do Eclétismo: Implantação*. Paisagem Ambiente: Ensaio, São Paulo, v. 1, n. 6, p.31-44, dez. 1994.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MACEDO, Silvio Soares. *Higienópolis e arredores: processo de mutação da paisagem urbana*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2011.
- MOTA, Paula de Brito. **A cidade de São Paulo de 1870 a 1930: café, imigrantes ferrovia e indústria**. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas., Campinas, 2007
- PALA, Adhemar Carlos. *A luz natural lateral na concepção arquitetônica nos projetos dos edifícios residenciais do bairro paulistano de Higienópolis nos anos de 1940 1960*. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.
- PROST, Antoine. *Fronteiras e espaços do privado*. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. *História da vida privada 5: da primeira guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 13-99.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho e. *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)*. 2010. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Paulo, 2010.

VILLA, Simone Barbosa. *Um breve olhar sobre os apartamentos de Rino Levi: Produção imobiliária, inovação e a promoção modernista de edifícios coletivos verticalizados na cidade de São Paulo*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 120.07, Vitruvius, jun. 2010.

ZARANKIN, Andres. *Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista : o caso de Buenos Aires*. 249p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas: 2001.

ZUFFO, Elida Regina de Moraes. *Pioneiros modernos: verticalização residencial em Higienópolis*. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

Artigo recebido em 22/04/2020 e
aprovado para publicação em 04/06/2020